

Piotr Alexeevich Kropotkine

# A MORAL ANARQUISTA



Tradução, Notas e Prefácio  
José Luis de Sousa Pérez

Bem Mal  
Egoísmo  
Solidariedade  
Vida



EDIÇÕES SÍLABO

COORDENADOR DE COLEÇÃO:  
António Pedro Mesquita

*TÍTULOS PUBLICADOS:*

1. *Vida de Aristóteles*  
António Pedro Mesquita
2. *A Moral Anarquista*  
Piort Alexeevich Kropotkine
3. *Liberalismo, Democracia e o Contrário*  
António Pedro Mesquita
4. *A Arte de Viver*  
Epicteto
5. *Máximas e Reflexões Morais*  
François de La Rochefoucauld
6. *Conceito e Formas de Democracia em Portugal*  
António Braz Teixeira
7. *Cartas Italianas*  
Luís António Verney
8. *Amor e Amizade – Citações e Pensamentos*  
Paulo Neves da Silva (organizador)
9. *Tratado da Felicidade*  
Manuel de Góis
10. *Cartas, Máximas e Sentenças*  
Epicuro

SOPHIA

De forma simples e acessível, pequenos textos de grandes pensadores sobre temas eternos da existência humana: a felicidade, o sofrimento, o amor, o poder, a liberdade, a procura da verdade, a brevidade da vida e a inevitabilidade da morte. A vida daqueles que deixaram a sua marca indelével na história do pensamento humano. As questões que interpelam o homem de hoje e de sempre.

# **A Moral Anarquista**

---

2ª Edição

---

A presente tradução, da responsabilidade de José Luis de Sousa Pérez, foi realizada a partir de:

PIERRE KROPOTKINE, *La morale Anarchiste*, *Les Temps Nouveaux*, nº 9, Paris, 1899.

#### AGRADECIMENTOS

Gostaria de endereçar uma palavra de apreço ao Prof. Dr. António Pedro Mesquita, coordenador da colecção na qual se insere a presente tradução, pelo convite feito para trabalhar neste projecto. Um agradecimento é devido também à Dra. Lavinia Pereira e ao Dr. José Gomes André pela preciosa ajuda oferecida durante a revisão do trabalho.

José Luis de Sousa Pérez

---

COLEÇÃO SOPHIA

---

# A Moral Anarquista

PIOTR ALEXEEVICH KROPOTKINE

Tradução, Notas e Prefácio  
JOSÉ LUIS DE SOUSA PÉREZ

---

2ª Edição

---

*EDIÇÕES SÍLABO*

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede:  
[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

Sobre o tradutor:

JOSÉ LUIS DE SOUSA PÉREZ é Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestrando em Filosofia, na área de Ética e Política, nesta mesma Faculdade com uma dissertação dedicada ao problema da compaixão no pensamento do filósofo contemporâneo Emmanuel Lévinas.

#### FICHA TÉCNICA:

Título: A Moral Anarquista

Autor: Piotr Alexeevich Kropotkine

© Da presente tradução: Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1.<sup>a</sup> Edição – Lisboa, Outubro de 2006

2.<sup>a</sup> Edição – Lisboa, Setembro de 2022

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 503461/22

ISBN: 978-989-561-246-8



**EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 LISBOA

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

# Índice

NOTA À PRESENTE EDIÇÃO 9

PREFÁCIO À PRESENTE EDIÇÃO 11

## **A MORAL ANARQUISTA**

---

|  |     |
|--|-----|
| 1. O Questionamento da Moral<br>como Momento de Crise Social | 31  |
| 2. Sobre a Procura do Prazer Próprio                         | 43  |
| 3. Sobre o Bem e o Mal                                       | 55  |
| 4. O Bem e o Mal como Produtos da Natureza                   | 63  |
| 5. Sobre o Princípio de Solidariedade                        | 73  |
| 6. A Anarquia não Significa o Fim da Moralidade              | 83  |
| 7. A Moralidade não Significa Obrigação                      | 95  |
| 8. A Moralidade para lá do Princípio Iguitário               | 105 |
| 9. A Moralidade como Força do Espírito e da Vida             | 115 |
| 10. Sobre a Distinção entre Altruísmo e Egoísmo              | 123 |
| BIBLIOGRAFIA   | 133 |





## Nota

à presente edição

Os títulos das secções que compõem a presente obra, unicamente numeradas no original, bem como as notas de rodapé relativas a personagens, acontecimentos ou termos que, pela sua importância ou dificuldade, exijam um esclarecimento suplementar são de responsabilidade do tradutor. Foram inseridos de forma a auxiliar o leitor na compreensão do texto. Também da responsabilidade do tradutor e para os leitores que queiram aprofundar os seus conhecimentos sobre o autor e/ou a corrente de pensamento em que se insere, é fornecida, no final da obra, uma bibliografia.



## Prefácio

à presente edição

No texto que se segue é nosso intuito oferecer ao leitor uma breve análise das reflexões de Kropotkine em torno da sua concepção de anarquismo e apresentar as linhas de força que atravessam a obra que agora é apresentada ao público português, *A Moral Anarquista* e, num segundo momento, dar a conhecer o homem numa pequena nota biográfica.

### 1. Kropotkine – O Ideal

Não obstante a diversidade de escolas emergentes no próprio seio da doutrina anarquista (individualismo, colectivismo, mutualismo, entre outras) a ideia-chave segundo a qual a organização da sociedade entre homens pode – e deverá ser – estabelecida sem a mediação de uma autoridade coerciva, nomeadamente a do Estado, subsistiu como fundamento das posições de todos os partidários deste movimento sociopolítico. A razão subjacente à multiplicação de posições dentro desta corrente deve ser

procurada, por conseguinte, não tanto neste ponto comum de defesa teórica da supressão de qualquer tipo de autoridade, mas antes nas propostas de reorganização social a efectivar no momento posterior ao desaparecimento da ordem social visado pelo próprio processo revolucionário. A reestruturação das relações sociais entre os indivíduos exigiria a resolução daquela que era (e que, no fundo, continuaria a ser) a autêntica pedra no sapato para os críticos do modelo político até então vigente. O descontentamento dos anarquistas (e das correntes socialistas em geral) em relação ao abismo entre ricos e pobres não poderia deixar de ter em conta o próprio factor responsável por essa mesma desigualdade: o factor económico. Este viria a ser, com efeito, o grande problema cuja solução não poderia deixar de os inquietar: qual o modelo económico que possibilitaria a instituição e a preservação definitiva dos valores de justiça e de equidade nas relações inter-humanas?

No que diz respeito a esta incontornável questão, Kropotkine afigurou-se-á como o principal expoente do chamado anarquismo comunista, ou anarco-comunismo, em que se destacam igualmente Errico Malatesta e Elisée Reclus. Frente ao colectivismo de Bakunine e ao mutualismo de Proudhon, que concebiam uma distribuição dos bens proporcional ao tempo de trabalho do indivíduo, a doutrina anarco-comunista privilegiava antes as *necessidades* de

cada um. Um outro elemento caracterizador desta doutrina consistia na promoção de uma organização social baseada em *associações voluntárias de trabalhadores*, no que diz respeito à produção, e em *comunas locais*, no que se refere ao consumo, cabendo a elas a determinação das necessidades de cada indivíduo.

A proposta de organização económica da sociedade, por parte do anarco-comunismo, reflecte um aspecto extremamente importante na meditação filosófica kropotkiniana em torno do homem e das relações sociais. Essa proposta alimenta-se de um optimismo impetuoso quanto à natureza humana, de algum modo atenuado nas restantes escolas anarquistas e na própria doutrina marxista-leninista, que acentuavam a necessidade de encaminhar o indivíduo para o fomento do bem-estar comum e da igualdade, fosse isto conseguido através da distribuição proporcional da riqueza conforme o esforço despendido pelo trabalhador em questão, ou pela regulação imposta por um governo centralizado, em ditadura do proletariado. Mas a meditação de Kropotkine não vive desta semi-confiança quanto à maioridade do Homem.

As concepções de Kropotkine alcançam a sua máxima expressão no confronto com o darwinismo social, sobretudo no aspecto que lhe é dado por T. H. Huxley. O livro *Ajuda Mútua. Um Factor da Evolu-*

ção, publicado em 1906, constitui um testemunho claro do debate do anarquista russo com as teorias neo-darwinistas que entreviam na luta pela existência e na concorrência o próprio motor da evolução das espécies, concretamente no que diz respeito à humanidade. Em contraposição ao espírito hobbesiano, que compreendia a condição dos homens no estado de natureza como uma simples *guerra de todos contra todos* e assumia o Estado e o contrato social como únicas condições para uma paz sustentável entre eles, Kropotkine auxilia-se, na sua argumentação, da própria teoria darwiniana da evolução natural e das múltiplas observações efectuadas na primeira pessoa durante os anos passados na Sibéria ao serviço do exército russo. Essas observações davam testemunho do grau extremamente elevado de cooperação demonstrado quer pelas diversas espécies animais, quer pelas sociedades primitivas dos nativos dessas regiões. Juntamente com o sublinhar da entajuda enquanto fenómeno natural subjacente até à própria competição entre espécies, Kropotkine concluíra do exame das tribos primitivas que os seus costumes e instintos regulavam eximamente a respectiva vida social, sem haver lugar à necessidade de qualquer tipo de leis ou de governo para esse mesmo efeito.

O trabalho teórico de Kropotkine realizado no seu período de maturidade converge, essencialmente, para a tentativa de fundamentação dos gran-

des ideais e projectos anarquistas – defesa da justiça e da igualdade – no campo científico. Tanto *Ajuda Mútua. Um Factor da Evolução*, como *Ciência Moderna e Anarquismo*, de 1912, e, finalmente, a sua *Ética* (obra inacabada e publicada postumamente que constitui, em parte, uma história das diversas teorias éticas), encenam essa recondução da origem da evolução espiritual humana, incluindo o fenómeno originário da moralidade, para o plano da Natureza, constituindo a sociabilidade – e a entreaajuda dela indissociável – uma propriedade primitiva no Homem, sem qualquer tipo de abordagem mística ou sobrenatural. Um bom exemplo da exposição desta concepção naturalista do Homem e da moralidade é justamente o texto cuja tradução aqui apresentamos.

\* \* \*

Publicado em 1897, *A Moral Anarquista* apresenta as linhas mestras dos escritos tardios, que consolidam as noções de entreaajuda e cooperação enquanto leis originárias da sociabilidade. A argumentação deste texto tem como objecto de estudo – tal como o próprio título assinala – a concepção anarquista de moralidade. Recorrendo a diversos exemplos de modelos éticos presentes na história do pensamento humano, desde a filosofia cristã, passando pelo iluminismo até ao utilitarismo inglês, Kropotkine procura demonstrar que a moralidade

não se reduz a um fenómeno exclusivamente humano e que nada há de sobrenatural nem de místico na sua origem. Tratar-se-á de destapar o véu de ignorância do qual se serviram, segundo ele, os opressores para cobrir a naturalidade de um sentimento moral que é também comum aos animais, remetendo para exemplos elucidativos da presença inegável desse mesmo impulso de cooperação nas diversas espécies.

Para além da tentativa de restabelecer o carácter essencialmente científico da moralidade, este pequeno escrito esforça-se por esclarecer que o propósito anarquista de supressão de todo o tipo de autoridade, nomeadamente o exercido pela religião, não coincide de modo algum com a defesa de uma ausência total de valores. A contestação kropotkiniana da hipocrisia da moral estabelecida, que situa o homem entre o céu e o inferno, à mercê da graça de um Deus paternalista, não significa pura e simplesmente a instituição de um niilismo radical. Restituindo ao indivíduo o seu papel fundamental, a reflexão moral de Kropotkine promove um optimismo incondicional quanto à sociabilidade natural que fala em todas as espécies – logo também no Homem – e cuja palavra procede de uma história imemorial de solidariedade transformada, progressivamente, em hábito no seio das mesmas. Mas a exigência (conselho, dirá Kropotkine) que se encontra no fundo da moral anarquista ultrapassa a mera per-





PIOTR ALEXEEVICH KROPOTKINE (Moscou, 1842 – Dmitrov, 1921), conhecido como «o Príncipe Anarquista», é considerado um dos grandes pensadores do Anarquismo, tendo contribuído com diversos escritos para a consolidação das bases teóricas desta corrente sociopolítica. Percorrendo grande parte do continente europeu, a vida de Kropotkine dividiu-se entre a ciência e a devoção à causa revolucionária, no confronto com a lógica de poder vigente, alimentando-se de uma vontade e de uma esperança inque-

bráveis. Insurrecto convicto, não deixou de acreditar na força da educação dos oprimidos como o meio mais eficaz na luta contra a injustiça, tornando desta forma a reflexão e a escrita no verdadeiro rastilho para quebrar as amarras políticas e religiosas que, segundo ele, impediam a humanidade de alcançar a maioria de pensamento.

Nesta obra, partindo da observação da sociabilidade presente nas diferentes espécies animais e abordando diversas posições filosóficas sobre a moral, o autor debate-se com os problemas que nos conduzem, em última instância, ao confronto com a própria vocação e destino do Homem, oferecendo uma reflexão indispensável para a compreensão das diferentes épocas que marcaram a grande narrativa da história da Humanidade, assim como dos tempos em que vivemos.

Em *A Moral Anarquista*, o autor esboça um trajecto onde os grandes problemas e princípios éticos anarquistas são analisados de uma forma clara e precisa, contribuindo para a supressão dos preconceitos que muitas vezes envolvem esta doutrina sociopolítica.

ISBN 978-989-561-246-8



9 789895 612468